VIOLAÇÃO AO DIREITO À INFÂNCIA DAS CRIANÇAS-SOLDADO NO SUDÃO DO SUL: ANÁLISE DA CONJUNTURA SUL-SUDANESA E A CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA

Fernanda Aidar Navas

RESUMO: O artigo procura explanar a conjuntura vivida pelas crianças-soldado no Sudão do Sul - país onde mais se "recruta" crianças e jovens às lutas armadas - comparando-a com a Convenção sobre os Direitos da Criança e seus mandamentos. Para cada direito violado, há uma proibição internacional que deveria estar sendo respeitada, e baseando-se nisso, abre-se o leque da realidade enfrentada por um dos países mais jovens do mundo. Descobre-se, com isso, um problema histórico que se desenvolveu em anos de conflitos e que até hoje, atinge a população mais nova, nascendo e crescendo em um ambiente violento e desumano, e sendo privada de um dos direitos mais importantes: a infância.

PALAVRAS-CHAVE: crianças-soldado. Sudão do Sul. Convenção sobre o Direito da Criança. proteção integral.

1 DEFINIÇÃO DOS TERMOS

Antes de iniciar o debate, mostra-se interessante definir e expandir o gênero de dois termos utilizados do título do artigo, mas que também serão utilizados ao longo do trabalho.

Em primeiro lugar, ao falar em "direito a infância", refere-se à combinação, união, de todos os direito garantidos nacionalmente e, especialmente no presente estudo, internacionalmente. Dessa forma, compreende-se "o direito de crescer em um ambiente seguro e protegido, com carinho, saúde, atenção e alimentação; o direito de brincar, se divertir, explorar novos espaços dentro e fora de si mesma."[1]

No mais, quanto a "crianças-soldado", seu significado e desenvolvimento será realizado com maior profundidade nos tópicos seguintes, porém vale ressaltar que sua utilização, embora gramaticalmente encontra-se no masculino, pode ser feita em ambos os gêneros. Isso porque, ao falarmos da conjuntura lá encontrada, não podemos selecionar apenas um gênero determinante.

[1] FUNDAÇÃO ABRINQ. **O direito de ser criança - 27 anos do ECA**, 6 ago. 2017. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/839-o-direito-de-ser-crianca-27-anos-do-eca.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

Meninos e meninas sofrem as violações aqui explanadas, não sendo o objeto aqui determinante o gênero dominante quanto ao número de direitos aniquilados. Dessa forma, considera-se "crianças-soldado" jovens de todos os gêneros.

2 INTRODUÇÃO E BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A independência do Sudão do Sul, em 2011, após anos em guerra e conflitos burocráticos com o Sudão, não solucionou todas as questões presentes do país; pelo contrário, raramente chegou-se ao nível de um solução clara. O *SPLM/A*[2]*,* força de libertação do Sudão do Sul que viria a se tornar o partido no poder do mais novo país do mundo, era formado predominantemente por Dinkas e Nuers, duas etnias que desde o início dos conflitos, apresentavam visões distintas quanto ao futuro da nação. Enquanto os primeiros defendiam um "Novo Sudão" com a reconfiguração do Sudão e um maior desenvolvimento pro Sul (UNIONISTA), os Nuers desejavam fortemente a separação das duas regiões (SEPARATISTA).

Após dois anos da independência, o Presidente do novo país, Salva Kiir – de etnia Dinka -, em um ato autocrático de seu governo, reduziu o número de ministros de 29 para 19, e dispensou o Vice-Presidente, Riek Marchar, de etnia Nuer. O partido, que já passava por fragilidades e rachaduras devido à imutável organização hierárquica e à longa guerra de independência, ganhava mais uma fenda, desta vez, com o desentendimento étnico das duas maiores posições presentes no partido e no território.

O conflito mais conhecido teve início no dia 15 de dezembro de 2013, quando a violência tomou a capital (Juba) e logo se espalhou para outras regiões. A guarda presidencial de etnia Dinka e os soldados leais ao vice-presidente, de etnia

[2] **Movimento/ Exército Popular de Libertação do Sudão (Sudan People's Liberation Movement/Army)** foi fundado e teve protagonismo na Segunda Guerra Civil Sudanesa em 1983, assinando o *Comprehensive Peace Agreement (*CPA), também chamado de Tratado de Naivacha, junto ao governo do Sudão, encerrando a guerra. Quando ao Sul foi dada soberania, o SPLM foi o principal componente do governo, sendo uma ala política do então SPLM/A e o partido político governista do Sudão do Sul. Os ramos do MPLS no Sudão se separariam anos depois, formando outros movimentos.
SUDAN TRIBUNE. Plural News and Views on Sudan. **Sudan People's Liberation Movement (SPLM)**. Disponível em: <http://www.sudantribune.com/+-SPLM-Sudan-People-s-Liberation,128-+>. Acesso em: 21 nov. 2019

Nuer, entraram em conflito direto por desavenças políticas e manobras ofensivas de ambos os lados. Milhares de civis ficaram feridos, especialmente de etnia Nuer.[3]

Durante o conflito, 70% das escolas foram fechadas nas regiões atacadas ou nas que apresentavam alvos eminentes[4] e cerca de 400 mil crianças foram forçadas a largar os estudos[5]. Em 17 de junho de 2015, o Diretor Executivo da UNICEF lançou uma declaração reportando as violências brutais enfrentadas pelas crianças no Sudão do Sul.

> 129 crianças do Estado Unity foram mortas durante apenas três semanas em maio. Sobreviventes relatam que meninos foram castrados e deixados para sangrar até a morte. Meninas com 8 anos foram estupradas e assassinadas por gangues. Crianças foram amarradas juntas antes que seus agressores cortassem suas gargantas. Outras foram jogadas em prédios em chamas.[6]

A matança cívica entre tribos era recorrente no país, mesmo antes da declaração oficial de guerra; propriedades privadas saqueadas e destruídas, alta taxa de criminalidade, abusos sexuais e atos de vingança similares ao século XIX eram crescentes[7]. O interior do país era o principal foco de milícias, onde se concentravam um maior número de vilas pertencentes a etnias diversas das do governo.[8]

A dificuldade de convivência entre etnias distintas dentro de um só país onde até meados do século XIX estavam presentes 19 etnias e 600 subgrupos étnicos[9], tornou-se um grande desafio para a pacificação do país estudado. Além

---

[3] CARVALHO, Bruna; BENTLEY, Carolina; LEAL, Rafaela; BENTO, Marcos Pereira. **A INDEPENDÊNCIA DO SUDÃO DO SUL**. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade de Lisboa), p. 1-15, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/40093929/A_Independência_do_Sudão_do_Sul>. Acesso em: 8 nov. 2019

[4] UNICEF.Press Centre. **"Amid conflict in South Sudan 400,000 Children Will Return to School"**, 19 de fevereiro de 2015, Disponível em: <http://www.unicef.org/media/media_79847.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

[5] *Ibid*.

[6] UNICEF.Press Centre. **"Unspeakable violence against children in South Sudan – U NICEF chief"**, 17 de julho de 2015, tradução literal, Disponível em: <https://www.unicef.org/media/media_82319.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

[7] Relatório realizado pela HUMAN RIGHTS WATCH. **"They Burned it All**: Destruction of Villages, Killings and Sexual Violence in South Sudan's Unity State", 22 jul. 2015, Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2015/07/22/they-burned-it-all/destruction-villages-killings-and-sexualviolence-unity-state>. Acesso em: 20 nov. 2019.

[8] Relatório realizado pela HUMAN RIGHTS WATCH. **"They Are Killing Us":** Abuses by Civilians in South Sudan's Pibor County", dez. 2015, Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2013/09/12/they-are-killing-us/abuses-againstcivilians-sout -sudans-pibor-county>. Accesso em: 20 nov. 2019.

[9] CARVALHO, Bruna; BENTLEY, Carolina; LEAL, Rafaela; BENTO, Marcos Pereira. **A INDEPENDÊNCIA DO SUDÃO DO SUL. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade de Lisboa)**, p. 1-15, 2016. Disponível em:

disso, as tensões entre Sudão e Sudão do Sul nunca chegaram a cessar completamente, mesmo após a independência, com constantes sanções, conflitos militares e econômicos.

O embate atual não está formalmente nomeado ou instaurado no país, mas faíscas prontas para serem realçadas estão presentes a todos os momentos, especialmente pela divisão política, cultura e étnica que o país mais novo do mundo se encontra. São inúmeras as milícias existentes por todo o território, sempre apresentando disputas violentas, planejadas, com crimes de guerra exuberantes e com artefatos bélicos constantes, tornando a situação ainda mais delicada.

Neste artigo, usaremos como referência crianças e adolescentes que participaram de lutas armadas em duas principais divisões: Governo Central (SPLA) e Oposição (South Sudan Democratic Army, SPLA-IO[10], entre outras). A primeira encontra-se, principalmente, em Bentiu, Estado de Unity e Estado de Upper Nille. Já a oposição não apresenta uma força unida, sofrendo ramificação em todo o país, especialmente Estado de Unity, Janglei, Estado de Upper Nille e Estado de Pibor. Além dessas, as vilas no interior do país possuem milícias locais, instauradas para defender predominantemente suas casas, animais e colheitas, além de si próprios, que serão rapidamente citadas e avaliadas junto ao contexto geral.

3 CONVENÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E PROTOCOLOS

Antes de aprofundarmos as situações cotidianas vividas no país africano, é importante destacar que, ao falarmos de violações de direitos, usamos como referência a Convenção sobre os Direitos da Criança , adotada e ratificada em 23 de janeiro de 2015 pelo Sudão do Sul[11], e seu Protocolo Facultativo sobre Envolvimento de Crianças em Conflitos Armados, aderida e ratificada em 2018.[12] Ambos estabelecem direitos que devem ser efetivados para que todas as crianças possam alcançar todo seu potencial , oferecendo a visão de indivíduos membros da família e da comunidade, com direitos e responsabilidades apropriados para sua idade e

<https://www.academia.edu/40093929/A_Independência_do_Sudão_do_Sul>. Acesso em: 8 nov. 2019

[10] **Movimento Popular de Libertação do Sudão – Oposição** é um partido político e grupo rebelde do Sudão do Sul, que se separou do Movimento Popular de Libertação do Sudão em 2013 devido às tensões políticas entre o presidente Salva Kiir e o vice-presidente Riek Machar Teny.

[11] https://treaties.un.org/pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsg_no=IV-11&chapter=4&lang=en

[12] https://indicators.ohchr.org

desenvolvimento.[13] É garantido, assim, que toda a integridade do ser em formação seja respeitada e incentivada de acordo com os Direitos Humanos para que, dessa forma, possam desfrutar, por completo, todas as etapas de crescimento.

Durante todo o trabalho aqui apresentado, serão vislumbradas situações de violação integral à Convenção e seus Protocolos Adicionais no cotidiano das crianças e jovens sul-sudaneses. Embora os atos normativos sejam dispostos de forma generalizada em respeito à singularidade de cada país-membro, são dispostos direitos básicos, inerentes à vida e ao controle de terceiros, devendo ser respeitados independente de contexto e vontades contrárias.

> Lembrando que na Declaração Universal dos Direitos Humanos as Nações Unidas proclamaram que **a infância tem direito a cuidados e assistência especiais;**
> Reconhecendo que a criança, para o pleno e harmonioso desenvolvimento de sua personalidade, **deve crescer no seio da família, em um ambiente de felicidade, amor e compreensão;**
> Conscientes de que a necessidade de proporcionar à criança uma proteção especial foi enunciada na Declaração de Genebra dos Direitos da Criança, de 1924, e na Declaração dos Direitos da Criança adotada pela Assembleia Geral em 20 de novembro de 1959, e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (em particular, nos artigos 23 e 24), no Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (em particular, no artigo 10) e nos estatutos e instrumentos pertinentes das Agências Especializadas e das organizações internacionais que se interessam pelo bem-estar da criança;
> Dando a devida importância às tradições e aos valores culturais de cada povo para a proteção e o desenvolvimento harmonioso da criança;
> Estabelecem, de comum acordo, o que segue: **(grifo próprio)**

Vislumbrado o preâmbulo da Convenção e seus pressupostos, partimos para uma análise da visão geral sob a qual as crianças e adolescentes sul-sudaneses crescem e se desenvolvem como seres sociais. Entender o ambiente e a realidade desses indivíduos poderá localizar o debate acerca das dificuldades para implementação da Convenção, que na teoria garantiria uma vida plena e saudável em seus artigos, parágrafos e alíneas, mas que, na realidade, está ausente com essas crianças e adolescentes diariamente.

[13] UNICEF BRASIL. **Os direitos das crianças e dos adolescentes e por que eles são importantes**. Todos os direitos para cada criança e cada adolescente. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/os-direitos-das-criancas-e-dos-adolescentes-e-por-que-eles-sao-importantes>. Acesso em: 4 ago 2019.

4 CRIANÇAS-SOLDADO E SEU ENVOLVIMENTO

As crianças-soldado do Sudão do Sul têm seu envolvimento com a guerra desde cedo. Muitas vezes sem certidão de nascimento, torna-se cada vez mais difícil para as entidades locais determinar a idade média destas crianças que vão à luta armada pelo país. Embora legislações internacionais estritamente proíbam sua utilização, estima-se que aproximadamente 19 mil[14] crianças já tenham lutado no país central da África, com idades variantes entre 10 e 18 anos.

> Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança sobre o Envolvimento de Crianças em Conflitos Armados:
> Artigo 2º
> Os Estados Partes devem assegurar que as pessoas que não atingiram a idade de 18 anos não sejam alvo de um recrutamento obrigatório nas suas forças armadas.
> Artigo 4º
> Os grupos armados distintos das forças armadas de um Estado não devem, em circunstância alguma, recrutar ou usar pessoas com idade abaixo dos 18 anos em hostilidades.
>
> Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional:
> Artigo 8º (Dos crimes de Guerra)
> **2. xxvi) Recrutar ou alistar menores de 15 anos** nas forças armadas nacionais ou utilizá-los para participar ativamente nas hostilidades; (**grifos próprios)**

Essa prática teve início em 1983 com a guerra da independência, se estendendo para a guerra civil de 2013 e mantendo-se até os dias atuais, em todas as frentes do conflito. A situação de perigo, todavia, se inicia antes mesmo de se juntarem as guerrilhas armadas, ainda nos primeiros meses de vida. Viver em um país em guerra torna o cotidiano infantil pautado por ataques violentos, com cicatrizes físicas e psicológicas, de sua maioria irreparáveis.

A realidade enfrentada leva, quase que naturalmente, a um futuro de hostilidades. Na área educacional - fortemente protegida e assegurada pela Convenção -, a falta de escolas ou a má utilização dessas por milícias para abastecimento e abrigo retoma a ausência de um lugar seguro para o

[14] CARRETERO, NACHO. “Eu sou uma criança soldado”: Em Yambio, uma cidade devastada pela guerra, 60% das crianças foram recrutadas por grupos armados. No Sudão do Sul, em guerra civil desde 2013, estima-se que existam 19.000 crianças soldado**.** *In:* **EL PAÍS**. Internacional. YAMBIO (Sudão Do Sul), 12 ago. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/10/internacional/1533901618_963321.html>. Acesso em: 21 ago. 2019

desenvolvimento das crianças sul-sudanesas, projetando a visão de desamparo estatal à comunidade. Com isso, vê-se, no alistamento, uma forma de sobrevivência, aumentada pela falta de dinheiro, alimentação, segurança e, até mesmo, projeção futura.

> Convenção sobre os Direitos da Criança
> Artigo 28
> Os Estados Partes reconhecem o direito da criança à educação e, para que ela possa exercer esse direito progressivamente e em igualdade de condições, devem:
> adotar medidas para estimular a frequência regular à escola e a redução do índice de evasão escolar.
> Os Estados Partes devem adotar todas as medidas necessárias para assegurar que a disciplina escolar seja ministrada de maneira compatível com a dignidade humana da criança e em conformidade com a presente Convenção. (grifo próprio)

Nas cidades mais destruídas do interior do país, onde se encontram, em sua maioria, famílias pobres e mais afetadas pela falta de mantimentos, juntar-se ao exército é visto como única forma de manter-se vivo. Com a utilização de armas e união a um grupo armado, o sentimento de proteção parece aumentar entre as crianças, fazendo com que se integrem ao exército de forma livre e em massa[15], com amigos e parentes. Os comandantes e seus "funcionários" assemelham-se a uma imagem de família, na qual – talvez - possam encontrar mínima segurança.

Em busca de dinheiro e comida, as crianças se unem à força armada sem perspectiva de pagamento ou melhores condições de sustento. De acordo com um relatório da Human Rights Watch, meninos com menos de 12 anos, provenientes de famílias pobres ou lares desmembrados, vão trabalhar com comandantes como empregados ou seguranças. Más condições na Área de Proteção de Civis na base das Nações Unidas em Bentiu também contribui para o "alistamento" voluntário, devido à escassez de comida e produtos básicos a todos os integrantes.[16]

A perda de esperança para um fim iminente da guerra alimenta nos jovens o sentimento de revanche pelas mortes ocorridas, especialmente do povo Nuer em

[15]Em entrevista com criança soldado, BD de 17 anos, afirma ter participado, junto a 5 amigos, de um "recrutamento massivo" pelas forças do comandante Puljang em janeiro/fevereiro de 2014. "Foi o Pul que recrutou a gente. Eles nos falaram que 'nós deveríamos ser soldados'... nos deram armas no mesmo dia"- tradução livre.
HUMAN RIGHTS WATCH. **"We can die too":** recruitment and Use of Child Soldiers in South Sudan, p. 35, 14 dez. 2015.Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2015/12/14/we-can-die-too/recruitment-and-use-child-soldiers-south-sudan>. Acesso em: 12 set. 2019.
[16]Ibid., p. 35.

Juba, no início do conflito. “Eu estava com outros garotos da escola que se juntaram porque o governo estava matando civis.”[17]

Ademais, a necessidade de proteção de suas vilas e comunidades também é um dos fatores centrais do alistamento voluntário ao conflito. Proteger terras, rebanhos e famílias não é visto apenas como necessidade, mas obrigação pelos próprios meninos. De acordo com PM, em entrevista para o Human Rights Watch, ‘muitos dos meninos sentem medo, mas podem controlá-lo. Em sua cultura, eles não podem “correr”, se não será insultado pela sua comunidade’[18]. “Nós somos da área é por isso que lutamos... eu não quero ser um soldado eu só quero proteger minha própria área, minhas vacas e meus pais”[19], afirma outro adolescente de 17 anos – WW- que luta em uma força de defesa.

Lutar também é visto, para muitos, como uma forma de ascensão social na coletividade. Vingar-se da morte de parentes, auxiliar na ‘libertação’ do país; todos os motivos utilizados são semelhantes à figura - deturpada - de um herói. Fazer parte da guerra – em especial, contra as forças do governo – é colocado como situação de prestígio e admiração social. Na busca por uma reação positiva de outras crianças e de seus similares, normatiza-se ainda mais uma situação de abuso e desrespeito à infância e juventude que já não apresentam meios para se desenvolverem naturalmente dentro do país. “[...] se você morre enquanto luta, é 'ok, melhor que morrer em casa, eu decidi por mim mesmo” contou ML de 13 anos quando se tornou criança-soldado na guerra.[20]

É importante ressaltar que, embora muitas vezes ocorra o “alistamento” voluntário, a violação de direitos ocorre da mesma maneira. As escassas opções em um país que jamais experimentou outra realidade e nunca forneceu condições diferentes para os jovens torna a estimada liberdade de escolha ineficaz . Como parte das atribuições do governo do Sudão, fornecer escolas e ensino de qualidade nunca pôde ser efetivado. A longevidade dos conflitos étnicos passa para cada

[17] **"We can die too":** recruitment and Use of Child Soldiers in South Sudan. p.42; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 24 de junho de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[18] *Ibid.,* p.22; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 10 de julho de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[19] *Ibid.,* p.45; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 17 de julho de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[20] *Ibid.,* p.49; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 24 de abril de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.

geração, criando traumas e cicatrizes diferentes e profundas não apenas para as crianças envolvidas, mas para o país todo, que surgiu e nasceu da luta.

> Foi minha escolha, eu não fui forçado... E fui com meus amigos, nós éramos um grupo grande, cerca de 10 de nós, eles eram da minha idade. Um mês eles me deram 600 SSP[21], e outra hora eles nos trouxeram o salário de dois meses, 1.200. Eu fui capaz de comprar sorgo para minha família... Tantas crianças de rua se juntaram, para conseguir comida. (Soldado O, Bentiu)[22]

O pagamento de salários e o recebimento de treinamento militar eram raros, mas poderiam ocorrer. Na SPLA o recebimento de ambos era mais frequente que nas forças paramilitares presentes no país, especialmente se as crianças eram forçadas a lutar ou prestar algum serviço.

As crianças e jovens são obrigadas pelos próprios comandantes a trabalhar para eles com serviços domésticos, campos de batalha e/ou forçados a permanecer como escudo humano em torno de cidade. Armas de fogo são comumente utilizadas em ataques a vilarejos como forma de pressionar os jovens a participar de batalhas. “Eles disseram que deveríamos nos juntar ao exército, senão eles nos bateriam. Meus dois colegas se recusaram a ir e eles bateram neles”, relatou 'GD' de 15 anos.[23]

“Muitos de nós foram levados, grandes ou pequenos... um garoto foi morto quando se recusou a ir”[24] contou JM de 16 anos. JM afirma que presenciou diversos ataques a civis pelo Grupo rebelde de Darfur e o Movimento de Justiça e Igualdade (JEM), os quais, na época, estavam lutando com o governo sudanês. “Eles estavam colocando pessoas nas casas e botando fogo nelas[...]. Os Dinka (forças do governo) estavam apenas coletando as vacas mas eles não pararam (os soldados do JEM).”

Diversas crianças são também sequestradas durante seu percurso em busca de mantimentos ou durante um ataque em seus vilarejos. Em depoimento à HRW, a mãe de uma criança-soldado disse que soldados capturaram seu filho de 13 anos enquanto levava mantimentos para escambo. Outra afirma ter tido o filho desaparecido pelas ruas de Malakal, enquanto trabalhava. “[...] os outros meninos

[21] Libra sul-sudanesa, moeda oficial do país;
[22] *Ibid.,* p.31; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 15 de agosto de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[23] *Ibid.,* p.35; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 14 de agosto de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[24] *Ibid.,* p.33; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 13 de junho de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.

que estavam com ele disseram que ele foi levado"[25] . Estamos diante de um novo e grave desrespeito ao direito da criança, que atenta contra a prerrogativa de poder crescer em um seio familiar amoroso e saudável, com conexão com seus pais e parentes legais.

> Convenção sobre os Direitos das Crianças
> Artigo 9º
> Os Estados Partes devem garantir que a **criança não seja separada dos pais contra a vontade dos mesmos**, salvo quando tal separação seja necessária tendo em vista o melhor interesse da criança, e mediante determinação das autoridades competentes, sujeita a revisão judicial,[...]. (**grifo próprio)**

Ao longo dos anos, diversas cerimônias realizadas pela UNICEF e ONGs atuantes na região desmilitarizaram e auxiliaram no retorno dessas crianças a suas comunidades locais para que pudessem continuar seus estudos e sua infância de forma completa. Entretanto, ainda que com iniciativas externas, o número de casos de crianças lutando está longe de cessar. O baixo ou praticamente nulo custo de mão-de-obra, a facilidade de locomoção, convencimento e dominação são os motivos mais perceptíveis dentro do cenário aberto no presente tópico.

5 EXPOSIÇÃO DA REALIDADE E COMPARAÇÃO DE DIREITOS

Seguiremos agora à exposição mais aprofundada da realidade vivida entre as crianças e adolescentes, uma vez que seu envolvimento pode ser entendido no tópico anterior. Desse ponto em diante, todos os tópicos abordados contrariam expressamente todas a Convenções e Protocolos citados anteriormente, assim como outros não mencionados, mas indiretamente relacionados, como a Carta de Direitos Humanos da ONU.

5.1 VIOLÊNCIA FÍSICA

Durante as guerrilhas e lutas armadas, não existe diferença entre criança e adulto, apenas a existência de armas de fogo lançando balas para grupos rebeldes. "Não há diferença entre atividades realizadas por adultos e crianças, com exceção do tamanho do armamento que conseguem carregar", afirma Juliana Carpanez,

Ibid., p.37; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 24 de agosto de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.

jornalista responsável pela cobertura da cerimônia de libertação de 311 jovens em Yambio, realizada em fevereiro de 2018.[26]

No relatório apresentado pela Human Rights Watch, em dezembro de 2015, sobre o recrutamento e o uso de crianças-soldado no Sudão do Sul, um destaque especial foi dado à facção Cobra e ao comandante David Yau Yau. De acordo com o mesmo, crianças que lutam para ele passam por medo, fome e outras questões difíceis, como solidão, ferimentos, mortes violentas de amigos e faltas escolares.[27]

Muitos garotos da facção supramencionada alegam ter sido alvo da campanha de desarmamento do Governo de 2012 de forma violenta e agressiva, sofrendo torturas ou abusos pelos soldados. [28] De acordo com eles, os soldados adultos batiam neles e seguravam suas mãos debaixo d'água enquanto demandavam que eles entregassem e mostrassem onde haviam escondido os armamentos utilizados.[29]

As crianças-soldado, subordinadas a David Yau Yau suportavam punições severas. Muitos relataram terem sido presos e surrados em currais por desobedecer a ordens ou terem falhado em suas "missões". "A pior coisa em estar no exército era que se você cometesse um erro eles te colocariam em uma prisão e te batiam."[30] As punições eram recorrentes, muitas vezes entre um e quatro dias. "Eles me faziam ficar em pé no sol até eu cair. Eu disse que estava doente, mas eles disseram que eu estava brincando."[31] Vislumbramos, portanto, mais uma violação: além da tortura fortemente repreendida mundo afora, o cárcere privado de criança de forma altamente inadequada, maldosa e punitivista.

> Convenção sobre os Direitos da Criança
> Artigo 37
> Os Estados Partes devem garantir:

[26]CARPANEZ, JULIANA. Nascidos para matar: No Sudão do Sul, ser criança também significa entrar no conflito armado de uma sangrenta guerra civil. *In:* **UOL Notícias**, São Paulo, 11 mar. 2018. Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/criancas-soldado-sudao-do-sul-.htm#imagem-8>. Acesso em: 12 ago. 2019.

[27] **"We can die too":** recruitment and Use of Child Soldiers in South Sudan. p.47;

[28] A campanha de desarmamento foi idealizada pelas Nações Unidas (UNMISS) em conjunto com o Executivo do Sudão do Sul que pretendia restringir o acesso à armamento ilegal e à proliferação de armas de pequenos calibres, por apresentarem ameaça à paz e à segurança do país. De acordo com o site das Nações Unidas, o processo deveria ser realizado no quadro da paz, reconciliação e justiça, incluindo a proteção das comunidades pelas forças de segurança. <https://news.un.org/pt/story/2012/03/1399811-processo-de-desarmamento-comecou-no-sudao-do-sul> Acesso em 25 de abril de 2020;

[29] **"We can die too":** recruitment and Use of Child Soldiers in South Sudan. p. 49;

[30] *Ibid.,* p.49; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 24 de abril de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.

[31] *Ibid*.

> que nenhuma criança seja privada de sua liberdade de forma ilegal ou arbitrária. A detenção, a reclusão ou a prisão de uma criança devem ser efetuadas em conformidade com a lei e apenas como último recurso, e pelo período de tempo mais breve possível;(grifo próprio)
>
> Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional:
> Artigo 7º
> Crimes contra a Humanidade
> 1. Para os efeitos do presente Estatuto, entende-se por "crime contra a humanidade", qualquer um dos atos seguintes, quando cometido no quadro de um ataque, generalizado ou sistemático, contra qualquer população civil, havendo conhecimento desse ataque:
> e) Prisão ou outra forma de privação da liberdade física grave, em violação das normas fundamentais de direito internacional;
> f) **Tortura**;

Embora alguns meninos expressam orgulho em ter lutado com a facção Cobra, todos mostraram um alívio profundo em estar fora da mesma. Isso porque era comum a falta constante de comida, com refeições uma a duas vezes por semana e noites mal dormidas, geralmente em árvores, os levando à exaustão.[32]

Quando não havia batalhas ou movimentação de tropas, as crianças eram comumente utilizadas como guarda-costas ou criados dos comandantes, lavando roupas, cozinhando, pegando água e atividades similares. A maioria dos entrevistados pela Human Rights Watch estavam infelizes em serem forçados de trabalhar dessa maneira, e constantemente cansados, "mas ser guarda-costas era importante também para a segurança de outros meninos".[33]

5.2 VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Embora todo o processo de recrutamento até a libertação seja de violência intensa e constante à integridade e ao crescimento dos envolvidos, existem momentos principais acentuados pelos próprios soldados entrevistados.

A pressão social para que haja a participação na guerrilha e a ridicularização do medo são situações recorrentes entre as crianças. “Nenhum menino pode se recusar a se juntar a menos que ele tenha nenhum problema com o SPLA que está tirando suas vacas e matando suas pessoas”, afirma um menino de 16 anos a

[32] *Ibid.,* p.50; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 24 de abril de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[33] *Ibid.,* p.51; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 24 de abril de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.

Human Rights Watch. “Se você não tem uma arma eles vão te chamar de ‘*Nyadithar*’ (menina com nádegas grandes), e você não vai ficar feliz com isso.” Como é trazido pela Convenção dos Direitos das Crianças, em seu artigo 16: [34]

> Artigo 16
> Nenhuma criança deve ser submetida a interferências arbitrárias ou ilegais em sua vida particular, sua família, seu domicílio ou sua correspondência, nem a ataques ilegais à sua honra e à sua reputação.
> A criança tem direito à proteção da lei contra essas interferências ou ataques.

Para as crianças, uma mensagem é clara: é esperado que eles lutem como adultos. “David Yau Yau conversou com a gente em Agarnaat e nos falou que nós nascemos para morrer, não viver. (ele disse) eu não quero que ninguém corra.”[35]

É auto evidente a utilização da “superioridade” adulta para induzir a luta armada a seres humanos ainda em fase de crescimento e desenvolvimento, o que descumpre expressamente todos os preceitos fundamentais que norteiam os direitos humanos na área internacional, em especial, a convenção citada no começo do capítulo da qual o Sudão do Sul faz parte e a ela se comprometeu. É função dos Estados garantirem que suas crianças e jovens sejam legalmente protegidos e cresçam sob condições minimamente humanas de sobrevivência; é, ao menos, o estabelecido nas legislações compactuadas pelo Sudão do Sul.

> Convenção sobre os Direitos da Criança
> Artigo 32
> Os Estados Partes reconhecem o direito da criança de ser protegida contra a exploração econômica e contra a realização de qualquer trabalho que possa ser perigoso ou interferir em sua educação, ou que seja prejudicial para sua saúde ou para seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social. (grifo próprio)

Chantagens como forma de recrutamento e liberdade também são extremamente comuns, não só diretamente a crianças, mas também a suas famílias: “Ninguém era permitido sair, o homem grande falou que se você saísse nós iriamos assaltar o rebanho do seus pais,” um menino de apenas 10 ou 11 anos durante a luta contou à ONG supracitada.

“Eu vi civis sendo mortos”, afirma CT[36]. De acordo com ele, seus comandantes mandavam os soldados, inclusive crianças, matarem todos, sendo

[34] *Ibid.,* p.45; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 11 de julho de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[35] *Ibid.,* p.50; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 24 de abril de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.

civis ou não. Mulheres sendo estupradas, casas pegando fogo, civis sendo mortos.[37] Todas as situações recorrentes e normatizadas em período de guerra são presentes diretamente na vida dessas crianças. “Eu vi 5 mulheres sendo estupradas, enquanto eu estava lutando” contra um menino de 17 anos durante entrevista.[38] Estamos a falar, nesses casos, em crimes de guerras ainda mais sérios, protegidos pelo Estatuto de Roma e pela Convenção de Genebra:

> Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional:
> Artigo 8º (Dos crimes de Guerra)
> 2) i) Dirigir intencionalmente ataques à população civil em geral ou civis que não participem diretamente nas hostilidades;
> ii) Dirigir intencionalmente ataques a bens civis, ou seja bens que não sejam objetivos militares;
> v) Atacar ou bombardear, por qualquer meio, cidades, vilarejos, habitações ou edifícios que não estejam defendidos e que não sejam objetivos militares;

Muito meninos comentaram ter medo de morrer e a angústia de ver outras crianças mortas em batalhas – a maioria alega ter perdido pelo menos um amigo. As experiências, com certeza, deixaram marcas irreparáveis. “Depois de (batalha) Kong Kong, nós meninos temos sonhos ruins.”[39]

CONCLUSÃO

Provenientes de uma interminável guerra, passando de conflitos internos a independência e posteriormente à guerra civil, o país mais novo do mundo traz fortes pontos a serem resolvidos. Desde 2013, o ACNUR calcula que mais de 400 mil pessoas foram mortas enquanto 2,3 milhões foram obrigados a buscar refúgio em outros locais dentro ou fora do país.[40]

As crianças e adolescentes do Sudão do Sul vêm sendo envolvidas nos conflitos armados desde que esses começaram. O pouco acesso a alimento,

---

[36] *Ibid.,* p.36; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 11 de junho de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[37] *ibid.*
[38] *Ibid.,* p.46; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 17 de julho de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[39] *Ibid.,* p.50; Entrevista realizada pela Human Rights Watch em 25 de abril de 2015, nome mantido em segredo; tradução livre.
[40] UNITED NATIONS . Sudão do Sul: “país viu tragicamente mais guerra do que paz” após independência. *In*: **UN News**. 9 jul. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/07/1679371>. Acesso em: 2 ago. 2020.

educação, saúde, assim como a vulnerabilidade e a realidade em que vivem pautam uma condição de vida que é fortemente rejeitada pelos 196 países que assinam a Convenção de Direito das Crianças, porém que continua a existir no Sudão do Sul. Estima-se que mais de 75% das crianças nasceram no Sudão do Sul em período de guerra; "No Sudão do Sul, 2,6 milhões de crianças com até cinco anos de idade só conhecem a realidade da guerra."[41]

Em 9 de agosto de 2019, oito anos após a independência do país, Charlie Yaxley, o porta-voz do ACNUR, afirmou que garantir que os jovens sul-sudaneses, incluindo os refugiados, tenham acesso a uma educação adequada e a oportunidades para realizar o seu potencial é essencial caso o Sudão do Sul queira se tornar uma nação próspera e pacífica. De acordo com nota divulgada, o país "viu tragicamente mais guerra do que paz" desde sua independência.

É necessário que seja urgentemente revistas as prioridades do novo país que até hoje causa a privação de uma infância saudável às crianças a seus membros. O ciclo de violência que foi instaurado precisa ser exterminado para prevenir que a atual geração não permaneça com feridas abertas e tenham novas chances de inserção na sociedade, assim como para que se garanta que as novas gerações tenham uma vida mais digna, com seus direitos garantidos por um Estado presente e atuante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARPANEZ, JULIANA. Nascidos para matar: No Sudão do Sul, ser criança também significa entrar no conflito armado de uma sangrenta guerra civil. *In:* **UOL Notícias**, São Paulo, 11 mar. 2018. Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/criancas-soldado-sudao-do-sul-.htm#imagem-8>. Acesso em: 12 ago. 2019.

CARRETERO, NACHO. "Eu sou uma criança soldado": Em Yambio, uma cidade devastada pela guerra, 60% das crianças foram recrutadas por grupos armados. No Sudão do Sul, em guerra civil desde 2013, estima-se que existam 19.000 crianças soldado**.** *In:* **EL PAÍS**. Internacional. YAMBIO (Sudão Do Sul), 12 ago. 2018.

[41]UNITED NATIONS. Three-quarters of South Sudanese children have known nothing but war, says UNICEF. *In*: **UN News**. 07 jul. 2018. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2018/07/1014162/>. Acesso em: 2 ago. 2020.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/10/internacional/1533901618_963321.html>. Acesso em: 21 ago. 2019

CARVALHO, Bruna; BENTLEY, Carolina; LEAL, Rafaela; BENTO, Marcos Pereira. **A INDEPENDÊNCIA DO SUDÃO DO SUL**. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade de Lisboa), 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/40093929/A_Independência_do_Sudão_do_Sul>. Acesso em: 8 nov. 2019

FUNDAÇÃO ABRINQ. **O direito de ser criança - 27 anos do ECA**, 6 ago. 2017. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/839-o-direito-de-ser-crianca-27-anos-do-eca.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

HUMAN RIGHTS WATCH. **"They Are Killing Us":** Abuses by Civilians in South Sudan's Pibor County", dez. 2015, Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2013/09/12/they-are-killing-us/abuses-againstcivilians-sout -sudans-pibor-county>. Accesso em: 20 nov. 2019.

_____. **"They Burned it All:** Destruction of Villages, Killings and Sexual Violence in South Sudan's Unity State", 22 jul. 2015, Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2015/07/22/they-burned-it-all/destruction-villages-killings-and-sexualviolence-unity-state>. Acesso em: 20 nov. 2019.

_____. **"We can die too":** recruitment and Use of Child Soldiers in South Sudan, 14 dez. 2015. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2015/12/14/we-can-die-too/recruitment-and-use-child-soldiers-south-sudan>. Acesso em: 12 set. 2019.

PINA, Joyce de. Processo de desarmamento começou no Sudão do Sul. *In*: **UN News**. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2012/03/1399811-processo-de-desarmamento-comecou-no-sudao-do-sul> Acesso em 25 de abril de 2020.

SUDAN TRIBUNE. Plural News and Views on Sudan. **Sudan People's Liberation Movement (SPLM)**. Disponível em: <http://www.sudantribune.com/+-SPLM-Sudan-People-s-Liberation,128-+>. Acesso em: 21 nov. 2019

UNICEF BRASIL. **Convenção sobre os Direitos da Criança.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 4 ago. 2019.

_____. **Os direitos das crianças e dos adolescentes e por que eles são importantes**. Todos os direitos para cada criança e cada adolescente. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/os-direitos-das-criancas-e-dos-adolescentes-e-por-que-eles-sao-importantes>. Acesso em: 4 ago 2019.

UNICEF.Press Centre. **"Amid conflict in South Sudan 400,000 Children Will Return to School"**, 19 de fevereiro de 2015, Disponível em: <http://www.unicef.org/media/media_79847.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

_____. **"Unspeakable violence against children in South Sudan – UNICEF chief"**, 17 de julho de 2015, tradução literal, Disponível em: <https://www.unicef.org/media/media_82319.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

UNITED NATIONS . Sudão do Sul: "país viu tragicamente mais guerra do que paz" após independência. *In*: **UN News**. 9 jul. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/07/1679371>. Acesso em: 2 ago. 2020.

_____. Three-quarters of South Sudanese children have known nothing but war, says UNICEF. *In*: **UN News**. 07 jul. 2018. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2018/07/1014162/>. Acesso em: 2 ago. 2020.

UNITED NATIONS. Human Rights. Office of the High Commissioner. **STATUS OF RATIFICATION INTERACTIVE DASHBOARD.** Disponível em: <https://indicators.ohchr.org>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNITED NATION. Treaty Collection. **Convenção sobre os Direitos da Criança** Disponível em: <https://treaties.un.org/pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsg_no=IV-11&chapter=4&lang=en>. Acesso em: 21 nov. 2019.